

O cenário contemporâneo:

violência e drogadição entrelaçando contextos de subjetivações

Márcia Merquior

Este estudo discute o contexto no qual violência e drogadição vêm prosperando no mundo contemporâneo. Mas a clínica psicanalítica pode configurar uma retomada da dimensão ético-política da vida.

A psicanálise surge e atua em e por subjetividades, a partir de um campo denominado intersubjetivo, sempre tenso, permeado de encontros e desencontros. Portanto, estar atento aos modos de subjetivação em jogo no mundo contemporâneo faz parte do ofício de analista. A complexidade da questão subjetiva emerge de uma extensa trama intersubjetiva que entrelaça múltiplos contextos que se interconectam dinamicamente, e na maioria das vezes, tensamente. O ser humano é inserido na cultura, no mundo maior que o recebe, e desde o primeiro momento é afetado por uma “cartografia” de registros e sentidos que funciona como um guia de referência e de

possibilidades a serem vividas. Entretanto, não podemos deixar de pontuar que este guia de subjetivação é constituído historicamente, sendo expressão de um mapa feito de trilhas econômicas, políticas, geográficas e culturais.

O presente trabalho se propõe a uma aproximação da questão do incremento da violência na cartografia subjetiva contemporânea. Acreditamos que pensar a

Márcia Merquior é psicanalista, professora da Universidade Estácio de Sá, mestre em Psicologia Clínica pela PUC-RJ, doutora em Saúde Coletiva pelo IMS-UERJ. Este trabalho foi apresentado no V Fórum Brasileiro de Psicanálise, em Julho de 1999, mas não foi jamais publicado.

complexidade do recrudescimento da violência na intimidade requer reconhecê-la como fruto de uma rede de determinações, como contextos que se transversalizam e potencializam-se mutuamente. Como nos lembra Suely Rolnik¹ tal fenômeno é ao mesmo tempo subjetivo e objetivo, numa relação estreita entre cultura da violência e subjetividades violentas.

Cientes da imponência da questão, procederemos a um sobrevôo sobre alguns dos contextos determinantes que, a nosso ver, desenharam as principais linhas de força que estão construindo o mapa da violência contemporânea.

O econômico e o político: a globalização

No que diz respeito ao contexto econômico-político, a violência tornou-se um dos grandes problemas da contemporaneidade como o avesso do otimismo de uma democracia globalizada. Apesar de não ser possível negar os imensos avanços que as novas possibilidades globais nos outorgam, a globalização pós-moderna acirrou na verdade o antigo paradoxo da modernidade positivista – “trabalhando, alcançaremos o bem, mas os trabalhadores estão aliados deste bem final”. Agora, porém, tudo ocorre em escala global. Vivemos um mundo que retoma antigos racismos e lutas locais contra práticas de homogeneização e universalização, que enfim mostram sua face de assassinato de diferenças em nome da antiga imagem de democratização das oportunidades.

O processo de globalização, com o redimensionamento dos setores da economia, está sendo levado adiante sem nenhum tipo de projeto social que minimize ou prepare uma nova mão-de-obra para uma nova concepção de trabalho e de vida social. Liszt Vieira² aponta, como um dos descaminhos da

globalização, a negligência com o aumento da pobreza, da fome e das

dução³. Alguns países da Europa e os Estados Unidos sustentam pro-

Pensar a complexidade do recrudescimento da violência na intimidade requer reconhecê-la como fruto de uma rede de determinações, como contextos que se transversalizam e se potencializam mutuamente.

guerras civis, considerados como fenômeno inerente ao processo de transição para a nova sociedade. A aldeia global e a “vida do futuro” está sendo vendida como o mais moderno e sedutor produto e como tal deve ser consumido por aqueles que quiserem, e puderem. Tudo é colocado como uma mudança irreversível, em que quem não acompanhar, *dança*, ou seja, é excluído. Ao mesmo tempo, nada é oferecido, em termos de projeto estratégico de preparação da população trabalhadora para acompanhar e se adequar ao tal futuro. Pelo contrário, o que vem ocorrendo é o brutal alijamento de uma parcela bastante significativa da população – o proletariado industrial, a mão-de-obra não-informatizada do setor de serviços, sem falar nos excluídos da agricultura robotizada, e dos esfomeados da África e da Ásia – de qualquer possibilidade de trabalho em curto e médio prazos e, assim, de qualquer vislumbre de reinserção social.

“O desemprego estrutural faz parte hoje da lógica mundial da pro-

gramas de auxílio-desemprego, os quais permitem apenas a subsistência e que, por outro lado, significam um custo muito alto e, acredita-se, não se sustentarão por muito tempo. “O resultado é o agravamento da crise social e o surgimento do que Habermas chamou de *underclass*”, que é toda esta população excluída da produção e do consumo e que conseqüentemente encontra-se fora de qualquer categoria de cidadania e da possibilidade de acesso à saúde, à educação e à habitação. A situação lembra um enorme ferro-velho, onde o lixo permanece como símbolo do que na verdade não tem como ser jogado fora definitivamente. Esta situação desdobra-se em “tensões sociais a serem controladas por meios repressivos”, em uma crescente “degradação social (...) dentro e fora das cidades, e por último, no acirramento da segregação das minorias, destruindo a força integrativa da cidadania democrática”.⁴

Configura-se, assim, um meio-ambiente bastante violento e estimulador de violência. É a lógica do

“não tenho nada a perder” ou do “nada por todos, todos por nada”⁵. Assistimos a um alastramento da criminalidade no seio do espaço coletivo, o que, por sua vez, incrementa o esconder-se ou proteger-se narcísico, ou como propõe Wacquant⁶, a *guetização*. Na medida em que o Estado Moderno abre mão de qualquer função de negociador social, de promotor de diálogo das diferenças, a sociedade caminha para um processo de *duelização*, onde a lei, como regra de convivência do coletivo, cai em descrença, não constituindo-se mais em referência maior. A erosão sistemática das instituições públicas faz com que tome corpo a idéia do “cada-um-por-si”, onde obviamente vence o mais forte, o mais esperto, o mais rico etc. É a lógica da eliminação do outro, do menor, do menos, do mais pobre e do mais frágil, que atua respaldada na lógica do descartável, longamente construída pelo capitalismo industrial e pós-industrial. O produto a se descartar é um enorme e crescente contingente de seres humanos. Estes são então empurrados para algum tipo de agrupamento que os identifique na exclusão, que os fortaleça e os organize para a guerra que será travada sem tréguas, pois trata-se de uma questão de sobrevivência, de vida ou morte.

Os acontecimentos dramáticos do dia 11 de setembro de 2001, quando aviões repletos de passageiros civis são dominados por terroristas para servirem como armas de guerra e furar a arrogância da dominação americana, parece encenar uma resposta espetacular a esta lógica de banalização da violência e da exclusão. É como se realizassem a barbárie até agora só possível nos efeitos especiais *holliwoodianos*, exatamente como a lógica da mídia propõe. Para além da regra “a sociedade como espetáculo”⁷, o que foi tão bem compreendido é que “a sociedade é um jogo – um jogo de video-game”.

Este cenário de guerra também encontramos nas relações de trabalho dos “incluídos”. Aquilo a que Sennet⁸ chama de flexibilização dos vínculos de trabalho leva a uma corrosão do caráter das relações,

entre profissionais. Estas estão agora imersas portanto em uma boa dose de violência cotidiana. O que antes podia ser vivido como um ambiente de colegas de trabalho apresenta-se agora como um ambi-

Na medida em que o Estado moderno abre mão de qualquer função de promover o diálogo das diferenças, a sociedade caminha para um processo de duelização no qual a lei, como regra de convivência do coletivo, cai em descrença.

devido à competição acirrada entre os trabalhadores para manterem-se no mercado de trabalho. O sentimento é de naufragos à deriva que devem compreender rapidamente as novas regras do jogo e adaptar-se o mais depressa possível para não se afogarem na marginalização. É como uma corrida contra o tempo, onde vencem aqueles que melhor corroem os princípios e valores que norteavam suas pretensões profissionais anteriores e são capazes de atender às sempre novas e instáveis exigências do mercado de trabalho. Um novo valor de competência profissional delinea-se: a flexibilidade, ou seja, a habilidade de readaptação rápida aos contextos. A rapidez exigida neste processo é proporcional ao não questionamento das atitudes necessárias para a manutenção do lucro das empresas. A mesma estratégia de virulência empresarial que domina a competição entre as empresas foi injetada nas relações

de intrigas, ataques desleais e traições pessoais, onde qualquer fragilidade é desqualificadora. Não é à toa que toda uma nova sintomatologia ligada ao que se convencionou chamar de estresse surge na medicina do trabalho. O estresse na verdade nada mais é do que o nível de tensão, ansiedade e angústia imposto aos trabalhadores no cenário contemporâneo.

A mídia como agente maior da lógica contemporânea

Acrescenta-se a esse processo de angústia e instabilidade o poder sem igual da mídia, dos meios de comunicação de massa e das tecnologias informacionais que, como argumenta Muniz Sodré, “são meios (gerenciais) de um sistema tecnoburocrático, articulado com todas as instâncias sociais de uma economia de mercado”⁹, que fabri-

cam as realidades vividas no cotidiano, segundo o modelo dominante. Se o sistema capitalista contemporâneo sustenta-se, fundamentalmente, através da construção de uma ideologia que lhe dê argumentos palatáveis para a execução de sua estratégia de globalização, é no sistema de informação que encontra seu moinho de vento e sua fábrica de ilusões e representações, sendo a mídia o lugar central de produção do real.

A informação, por conseguinte, é, nos dias atuais, o produto mais cobiçado e caro ao capitalismo pois lhe possibilita organizar o espaço social – em escala mundial – de acordo com seus interesses de mercado. As antigas formas de sociabilidade são destruídas e redefinidas pela administração informacional operante neste novo sistema de socialização. Por conseguinte, se acreditamos neste poder *buxleliano* de

pre vence, não adianta resistir; tenha medo, submeta-se e fique paralisado diante da virulência do que se impõe pela força”. Porém, como a realidade resiste em suas contradições, a truculência internalizada como única forma de vencer é utilizada também pelos excluídos contra os excludentes. Ao reproduzir e fomentar quotidianamente a violência como forma maior de resolver conflitos de interesses, a sociedade “mediatizada” passa a ter a violência como uma forma aceitável de busca do bem-estar individual.

Esta infantilização das mentes incentiva mecanismos de defesa mais primitivos que se traduzem, como sugere Gilberto Vasconcellos¹⁰, em um *infanticídio do espírito*, que procura impedir a criatividade, a inventividade e a reflexão enquanto símbolos de subjetivação. Os indivíduos devem permanecer vinculados, inclusive

Dessa forma, a própria organização social incita à drogradição, onde busca-se a felicidade em algo que se encontra no mercado, um fetiche, como já há muito nos lembrava Marx.

A “violência é um espetáculo” e, como insiste Guy Debord, o espetáculo é o momento em que o mundo que se vê, o mundo real é o mundo da mercadoria que expande, por todo o espaço social, sua ditadura. No entanto, à violência como mercadoria, alia-se outro grande campeão de vendas, o sexo. Por proporcionar prazer e bem-estar, a sexualidade ganha a dimensão de uma droga, que pode e deve ser consumida por adultos e crianças, na medida em que o corpo erótico e sedutor torna-se lugar privilegiado para produção do espetáculo. Conforme as ditatoriais regras do mercado, passa-se a investir pesadamente na sexualidade infantil, erotizando-a, banalizando-a. No seu livro já citado, Vasconcellos chama este fenômeno de “cabaré das crianças”, onde ser criança não é “*sinistro*”, é “*careta*”, é “*nerd*”. Exemplo disso é a hegemonia musical em festas infantis de “*tchans*”, “*garrafinhas*”, “*peitinhos dela*” que fazem a “*cobra subir*”. Este patrocínio da “*adultização*” da sexualidade infantil e portanto do “*desaparecimento da infância*” se faz na medida em que as crianças de hoje vivem imersas em um contexto psicológico-social que não mais as diferenciam dos adultos. O mundo adulto não lhes é mais hierárquica ou cronologicamente superior, mas deve ser imitado, e já. As crianças participam ativamente das questões antes consideradas “*coisas de adulto*”, ao mesmo tempo que são vítimas pois, se perdem seu privilégio de inocência, também são desrespeitadas em suas “*coisas de criança*”. Vale lembrar a enorme dificuldade das escolas nos dias atuais de controlar as agressões das crianças entre si e das crianças em relação a seus professores. Porém, o ponto crucial da

Ao reproduzir quotidianamente a violência como forma de resolver conflitos de interesses, a sociedade “mediatizada” a fomenta como forma aceitável de buscar o bem-estar individual.

imposição cultural, temos que concluir que a violência irradiada faz parte dos planos ideológicos, pois se não o fizesse, estes próprios meios de comunicação produziram uma aversão ao violento. E que planos seriam estes? “O mais forte sem-

emocionalmente, ao vídeo, às ofertas de estilos de vida e de maneiras de se chegar à felicidade, “deixando o sujeito esvaziado de relação concreta, desejoso de sair de si mesmo, de abandonar a sua identidade”¹¹, tão instável e cansativa.

questão talvez esteja na dificuldade destes exercerem uma autoridade efetiva sobre seus alunos, na medida em que se sentem eles mesmos banalizados e hierarquicamente esvaziados de poder.¹² Por outro lado, a perversão pedófila também se acirra, na medida em que encontra um

papéis sociais de homens e de mulheres sofrem profundas mudanças. No entanto, as referências identitárias subjetivas não conseguem acompanhar a rapidez das transformações econômicas. Embora algumas mulheres já não funcionem como dependentes dos maridos

família passou a misturar-se com outra concepção (pós-moderna?) em que a multiplicidade e a efemeridade de padrões de comportamento disputam legitimidade. Tal situação não é vivenciada, no plano das subjetividades, de forma fácil e harmônica. Aliás, harmonia é o que não existe neste desmapeamento "pós-moderno". Ao contrário, há ansiedade e angústia diante da fragmentação das relações íntimas, no casamento e na família, tornando-as potenciais terrenos de batalha.

Trata-se portanto de "transformações da intimidade", como propõe Anthony Giddens¹⁴, e transformações que se estendem sobre a sexualidade, o amor e o erotismo. Este desarranjo no seio dos relacionamentos amorosos determina um abismo entre os sexos que impõe (ou acirra) uma dimensão de desencontro onde almeja-se o encontro. Para Giddens, "a reivindicação do prazer sexual feminino veio a se transformar em um elemento básico na reconstituição da intimidade, uma emancipação tão importante quanto qualquer outra buscada na esfera pública"¹⁵, o que impõe para homens e mulheres impasses e uma pluralidade tal de referências que os deixam confusos e angustiados.

O homem, para suprir seu sentimento de inadequação, alimentado pela desvalorização social do falo, como um fator de poder e domínio sobre as mulheres, acaba apelando para uma atividade sexual compulsiva, num anseio desesperado de reconhecimento de sua virilidade. "Agora o falo é apenas o pênis", mas a necessidade de agir de acordo com os referenciais identitários falocêntricos está tão enraizada, que os homens tornaram-se zumbis, expostos ao estresse e às doenças cardíacas como efeitos da competitividade compulsiva.

A saída compulsiva tornou-se a peste da atualidade. Submersos em um mar de referências, impulsionados ao agir, objetivados pela mídia e pressionados em suas relações

A concepção moderna de família passou a misturar-se com outra concepção (pós-moderna?) em que a multiplicidade e a efemeridade dos padrões de comportamento disputam legitimidade.

certo respaldo nesta valorização da criança como mercadoria erótica. E sabemos desde *Os Três Ensaios sobre a Sexualidade* de Freud que a perversão patológica traz sempre algo de um exercício de domínio e poder sobre o objeto apassivado.

As transformações das relações da intimidade

Os contextos acima sugeridos interagem com a desconstrução da família moderna, onde pai, mãe e filhos formavam o ideal social de transmissão dos valores culturais burgueses. Na atualidade, o casamento é transitório, a noção de eternidade do amor e do laço conjugal é abalada e passa a ser marcada pela provisoriabilidade. Dessa forma, os

para a satisfação de suas necessidades econômicas e amorosas, o cuidado com os filhos ainda é visto como sua função primordial, determinando um incremento de sentimento de culpa nas relações maternas, transformando-as em campos de alta tensão.

Jeni Vaitsman, ao pesquisar sobre identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas, infere que "as mulheres, ao desempenharem múltiplos papéis na esfera pública e em suas vidas cotidianas, deixaram de restringir suas aspirações ao casamento e aos filhos, desafiando a dicotomia entre o público e o privado (...); com isto, explodiu o conflito entre o individual e o coletivo no casamento e na família"¹³. No limiar do contemporâneo, a concepção moderna de

íntimas, os homens contemporâneos tornam-se presas fáceis de vícios e prazeres imediatos com relaxamento e satisfação garantidos, “sem maiores questionamentos, sem maiores compromissos”, misturando necessidade de reconhecimento, busca da mãe compreensiva e disponível, raiva por não encontrá-la, horror quando dela se aproxima. Não que estas sejam sensações novas ou necessariamente patologizantes, mas no momento contemporâneo de intenso desordenamento das possibilidades identitárias, são sensações intensas e constantemente atualizadas.

A mulher, dada a plasticidade da sexualidade, percorre várias experiências sexuais – ora identificando-se com o antigo domínio masculino, ora com a violência decorrente da angústia da perda deste domínio – em sua busca de auto-identidade e autonomia, como procurando um modelo, uma representação social que lhe dê suporte (ou amparo?). Mas, ao que parece, nada do que já está posto lhe serve, mas é como se tivesse que esgotar todos os recursos conhecidos antes de produzir um novo e singular. Ainda, segundo Giddens, um lado importante da emancipação feminina seria aquele de que agora as mulheres são desejantes, e principalmente desejantes de sexo – ao que a mídia vem tentar vorazmente responder com a erotização do corpo masculino, enquanto um produto a ser consumido. Assim, mulheres podem transformar-se também em consumidoras sexuais, na esperança de encontrarem a satisfação, à qual agora têm pleno direito. Como esta satisfação não passa de uma ilusão, pois está objetivada, não muito raramente, elas tornam-se compulsivas, viciadas em relacionamentos, os quais também mesclam referenciais antigos e “modernos”.

Marcados por estes impasses que causam terríveis sofrimentos, os casais contemporâneos encontram-se envolvidos em ansiedades e dis-

putas. O que pode ser realmente positivo, uma vez que tal tensão produza reflexividade sobre o eu e vista em novas bases de relacionamento entre dois seres com autonomia e direito às suas diferenças. Mas, o que vemos mais frequente-

Transformações nas relações familiares

Nas trincheiras dos casais contemporâneos, temos agora que acrescentar um de seus mais densos componentes, os filhos. Como já dis-

O corpo masculino passa a ser mais um produto com que a mídia vorazmente responde à nova mulher, desejante de sexo: mas esta satisfação não passa de ilusão.

mente na clínica, são casais – casados ou não, às vezes simplesmente namorados – que têm a violência como efeito da dificuldade de relação e/ou separação. São casais que têm suas relações dominadas pelo vício no outro, com direito inclusive à síndrome de abstinência, onde “a simbiose funciona aqui como uma droga: o outro torna-se corpo-prótese que substitui as funções do corpo próprio, caso sua organicidade venha a faltar, dilacerada pelas forças enfurecidas”¹⁶. A separação é vivida como aniquilamento e morte de si e o corpo começa a gritar por amparo, por novos objetos que venham a preencher “a outra metade”. Desta forma, mesmo na mais íntima das relações, uma latente sensação de estar em guerra permanente funciona como o fundo musical desta “novela erótico-afetiva”.

semos acima, o cuidado com os filhos ainda é visto como primordialmente uma função materna. Vaitsman entrevistou várias mães de classe média urbana, participantes do que chamou “geração de transição”, e o que pode ser considerado um traço comum a todas é a dificuldade em conciliar o projeto profissional com a vida doméstica, o tempo escasso, pouco espaço externo e interno e o enorme esforço despendido para criar os filhos. “Acho que se não tivesse filho, seria mais fácil”, diz uma das mães entrevistadas. Encontramos aqui o mal-estar e a crise da família contemporânea, onde proliferam angústias, raivas, amores e ódios, fragilidades e violências.

A “salada de referências” de como educar, quando e como intervir com mais autoridade junto aos filhos, a falta de tempo de conversa e de uma relação mais íntima, que

favoreça a subjetividade dos filhos, levam muitos pais ora a uma permissividade descontrolada ora a “manter tudo sob controle”, impondo regras que perpassam todo o cotidiano das crianças. Estes pais, que Giddens chama de pais tóxicos, subordinam os sentimentos e necessidades dos filhos às suas próprias, impossibilitando o desenvolvimento da autonomia, pois vêm na desobediência ou nas diferenças individuais um ataque pessoal, uma denúncia de suas defesas, um chamado reflexivo, ao qual se negam a ouvir. Não há tempo nem disponibilidade para ser pais. Como passar limites, referências e princípios ou ainda como envolver-se em afetividades e conversas, se há uma guerra sendo travada lá fora (e, como vimos, não somente lá fora)? Da mesma forma como não há tempo e disponibilidade para ser criança – este tempo meio caótico, sem espaços tão arrumados, tempo de criação, rebeldias e inventividade constante.

A confusão dos adultos, muitas vezes, externaliza-se através de violenta disputa pelo “quem manda aqui sou eu”, o que acaba tendo como efeito a manutenção da dependência, mesmo em etapas mais tardias do desenvolvimento. Impedida de subjetivar-se, a criança volta-se para o mundo à procura de objetos de dependência, satisfação e controle. E como vimos, no contexto anterior sobre a mídia, tornam-se objetos especiais de apelos consumistas e não apenas isso, tornam-se a própria mercadoria para satisfação alheia. Identificamos também neste contexto terreno fértil para a lógica da drogadição, mas com o agravante de que além de projetarem-se como consumidores, as crianças tornam-se também objetos de consumo. É o encurtamento da infância e a infantilização dos mais velhos, onde adultos e crianças estão aprisionados numa mesma lógica de dependência pacífica e homogeneização de desejos.

Articulando os contextos

O mundo contemporâneo vive, em seus aspectos econômico-político e sócio-cultural, momentos de transformações importantes que desmapeiam e desnorteiam os sujeitos em uma explosão de referenciais. Na verdade, em tempo global e real, estes contextos nunca estiveram tão transversalizados, determinando que as “subjetividades, independentemente de sua morada, tendem a ser povoadas por afetos dessa profusão cambiante de universos; uma constante mestiçagem de forças (que) delinea cartografias mutáveis e coloca em cheque seus habituais contornos”¹⁷. No entanto, o que poderia significar um momento de criatividade e experimentação de novas possibilidades de relações entre os homens e destes com seu meio, acaba por ser vivido com angústia e pânico, geran-

da preservação de sua própria lógica interna. A faceta da erotização infantil manipula os corpos e mentes das crianças tornando-as “petiscos saborosos” e ao mesmo tempo frágeis, facilmente dominados. Aliando-se a esta produção cultural da violência, percebe-se como nas transformações das relações íntimas e familiares, a confusão e a instabilidade exacerbada são facilitadores de soluções de dominação, abandono ou compulsão – todas reprodutoras da truculência contra o outro enquanto sujeito, fantasmando-o como mero objeto de satisfação. São subjetividades esvaziadas de subjetivação. A redundância serve para visualizar o vazio de sentido vivenciado pelo “eu” contemporâneo e a intensidade da violência que é seu cenário, transformando-o em “toxicômano de identidades”, para usar a perspicaz expressão de Rolnik.

No entanto, o que poderia significar um momento de criatividade e experimentação de novas possibilidades de relações entre os homens e destes com um meio acaba por ser vivido com angústia e pânico.

do o incremento da violência nas relações.

Além disso, as dimensões econômica e política da globalização ensejam motivações para a criminalidade assim como a mídia milita, de forma irresponsável, no espetáculo da violência e na infantilização dos indivíduos em nome

Existe um apelo à drogadição na forma como o mundo social está organizado e são inúmeras as drogas disponíveis: o sexo, as drogas propriamente ditas, os remédios milagrosos do bem-estar, os livros de auto-ajuda, as vitaminas que preservam o corpo de suas vicissitudes, o novo *mega-star* que ensina a

“viver a vida como deve ser vivida”. Entrementes, não podemos esquecer que o que dá suporte a esta prática da drogadição, é uma subjetividade que se posiciona no mundo contemporâneo pela via da compulsão, do vício, da não-reflexividade do eu, da dependência e da inércia. Esta, talvez, seja a maior violência produzida pela lógica social da contemporaneidade, uma vez que ela restringe as possibilidades de subjetivação e, ao promover este estreitamento, cria dependentes que têm como única arma a agressão, seja de defesa ou de contra-ataque, remetendo intensiva e extensivamente os sujeitos contemporâneos à sua condição de desamparo.

Chegamos aqui a nosso ponto (de chegada? de partida?). Ao invés de qualquer sugestão de retomada conservadora das antigas tradições ou do sujeito racional – até porque vemos no projeto atual uma exacerbação das contradições da disciplinarização perpetrada pela modernidade, sentimos na clínica e *na pele* que, ou a subjetividade contemporânea cria-se, inventa-se, subjetiva-se enfim, ou só lhe resta o consumo ávido – toxicômano – de novos impasses teóricos e clínicos. E aqui nos deparamos com um terreno onde a questão ética se impõe, considerando o território da ética como aquele “formado pela relação que cada indivíduo estabelece com a irremediável inconciliabilidade entre o ilimitado movimento de forças que formam diagramas e a finitude dos mundos ditados por cada um deles”¹⁸.

Talvez, a postura ética de saída deste aprisionamento narcísico, vítima e propulsor de violências, não possa ser encontrada no pólo do indivíduo, mas na abertura deste à alteridade maior da sociedade globalizada. O analista deve assumir a radicalidade das dimensões ética e política da psicanálise, enquanto resgate da tensa, pois ambivalente, relação do ser com o

mundo que o torna sujeito de si e de sua história. Tal dimensão ético-política passa pela valorização das dimensões do inconsciente – fluxo de intersubjetividades – como possibilidades reflexivas, e de resgate do pólo erótico da relação com o mundo. Trata-se de um resgate da

Subjetivar-se é duvidar,
é relativizar-se e
relativizar a satisfação.
É portanto suportar
a própria
ambivalência produtora
da angústia.

angústia – tensão ambivalente com o mundo – para livrar-se da robotização da dependência – crença de que aquele objeto é capaz de lhe trazer a felicidade, a satisfação total e mortal. O drogadito violenta-se pois não encontra em si possibilidades de ser o objeto da felicidade do outro. A violência maior é a identificação com a posição de objeto – ou seja, a sua subjetivação está descartada. Subjetivar-se é duvidar, é relativizar-se e relativizar a satisfação. É portanto suportar a própria ambivalência produtora da angústia. Trata-se do resgate de uma

certa humildade para contrapor-se à humilhação advinda da infantilização forjada pela onipotência – dependência – narcísica. É uma tarefa árdua e dolorosa. Mas é uma tarefa de vida, de invenção e de criação.

Tal resgate deve atingir também os analistas, tirando-os de seus próprios guetos, e redimensionando a prática psicanalítica como prática ético-política. Ética da alteridade, da responsabilidade, da generosidade ou da humildade que, seja qual for sua denominação, aponte para a erotização da relação entre os seres através do reconhecimento da incompreensão mútua, efeito das diferenças e ambivalências humanas, constitutivas das inescapáveis tramas intersubjetivas. Trata-se de contrapor ao egoísmo e aprisionamento narcísicos a dimensão alteritária da interdependência dos seres. Trata-se enfim de resgatar o mal-estar como tensão subjetivante e assim recolocar o sujeito nas trilhas da vida. ■

NOTAS

1. S. Rolnik, “Uma Insólita Viagem à Subjetividade, Fronteiras com a Ética e a Cultura”, in *Cultura e Subjetividade: Saberes Nômades*, D. Lins (org.), Ed. Papyrus, SP.
2. L.Vieira, *Cidadania e Civilização*, RJ, Ed. Record, 1997.
3. L.Vieira, *op. cit.*, p. 90.
4. L.Vieira, *op. cit.*, p. 91.
5. V. Forrester, *O Horror Econômico*, São Paulo, Ed. UNESP, 1997.
6. L. Wacquant, “Da América como Aveso da Utopia”, in *Cultura e Subjetividade: Saberes Nômades*, D. Lins (org.), São Paulo, Ed. Papyrus, 1997.
7. G. Debord, *A Sociedade como Espetáculo*, Rio de Janeiro, Ed. Contraponto, 1997.
8. R. Sennet, *A Corrosão do Caráter; Conseqüências Pessoais do Trabalho no Novo Capitalismo*, Rio de Janeiro, Ed. Record, 1999.
9. M. Sodrê, *O Social Irradiado: Violência Urbana, Negrotosco e Mídia*, São Paulo, Ed. Cortez, 1992, p. 79.
10. G. F. Vasconcellos, *O Cabaré de Crianças*, Rio de Janeiro, Ed. Espaço e Tempo, 1998.
11. M. Sodrê, *op. cit.*, p. 86.
12. N. Postman, *O Desaparecimento da Infância*, Rio de Janeiro, Ed. Graphia, 1999.
13. J. Vaitsman, *Flexíveis e plurais, identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*, Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1994, p. 36.
14. A. Giddens, *Transformações da intimidade, sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*, São Paulo, Ed. UNESP, São Paulo.
15. A. Giddens, *op. cit.*, p. 186.
16. S. Rolnik, *op. cit.*, p. 24.
17. S. Rolnik, *op. cit.*, p. 19.
18. S. Rolnik, *op. cit.*, p. 31.